




PERFIL DO VISITANTE DE TRILHA DE LONGO CURSO NO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS (GO)

THE PROFILE OF LONG-TRACK TRAIL VISITOR IN THE CHAPADA DOS VEADEIROS NATIONAL PARK

Patricia Pavezi – UEPG ^{*1}
Valéria de Meira Albach – UEPG ^{*2}
Jasmine Cardozo Moreira – UEPS ^{*3}
Luís Henrique Mota de Freitas Neves ^{*4}

Palavras-Chave	Resumo
<p>Unidade de Conservação. Trilhas de longo curso. Perfil do visitante.</p> <div data-bbox="165 1249 403 1509" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"><p>ISSN 2594-8407</p><p>Licenciada por <i>Creative Commons</i> Atribuição Não Comercial/Sem Derivações / 4.0/</p></div>	<p>O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros é uma unidade de conservação que abriga importantes atrativos turísticos que oferece diversas oportunidades de visitação, dentre as quais, uma trilha de longo curso, a Travessia das Sete Quedas. Este trabalho teve como objetivo identificar o perfil do visitante que frequentou a Travessia das Sete Quedas de 2013 a 2018. Nesta investigação de caráter descritivo foram analisados 1.242 questionários aplicados aos visitantes pela gestão da unidade de conservação, que foram encaminhados aos visitantes via e-mail e pelo sistema <i>Ecobooking</i> de reserva aqui sistematizados. Foi possível concluir que a maioria dos visitantes que frequentam a Travessia das Sete Quedas avaliou sua visita como excelente, que as trilhas e as placas indicativas estão em bom estado podendo o caminhante percorrer sozinho ou contratar bons serviços de guias de turismo/condutores de visitantes. Constatou-se que para se conhecer o parque a indicação foi por amigos e parentes ou pela internet que em sua maioria frequentam o parque duas vezes ou mais por ano com grupos aproximados de duas a quatro pessoas. Espera-se que as informações contribuam tanto com a gestão da UC como das trilhas de longo curso da região.</p>



Keywords	Abstract
<p><i>Conservation Unit.</i> <i>Long-distance trails.</i> <i>Visitor profile.</i></p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Submetido em: 31/02/22</p> <p>Aprovado em: 08/03/23</p> <p>Publicado em: 12/09/2023</p> <p>Editor: Izac Bonfim</p> </div>	<p><i>Chapada dos Veadeiros National Park is a conservation unit that accommodates important tourist attractions that offers several opportunities for visitation, amongst them a long-distance trail, the Travessia das Sete Quedas. This study aimed to identify the profile of the visitor who attended the Travessia das Sete Quedas from 2013 to 2018. In this descriptive investigation, 1,242 questionnaires applied to visitors by the management of the conservation unit were analyzed, which were sent to visitors by email and by the Ecobooking reservation system and in this systematic research. It was possible to conclude that the majority of visitors who frequent the Travessia das Sete Quedas evaluated their visit as excellent, that the trails and signs are in good condition, and the hiker can walk on his own or hire good services from tour guides/visitor drivers. It was found that to get to know the park, the recommendation was made by friends and relatives or through the internet, and the majority goes to the park twice or more a year with groups of approximately two to four people. It is expected that the information contributes both to the management of the UC and the region's long-distance trails.</i></p>

Como Citar (APA):
Pavezi, P.; Albach, V. M.; Moreira, J. C. & Neves, L. H. M. F (2023). Perfil do visitante de trilha de longo curso no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO). *Ateliê do Turismo*. 7 (2). 84 – 102 <https://doi.org/10.55028/at.v7i2.15473>



INTRODUÇÃO

O conhecimento do perfil do visitante é importante para o manejo das unidades de conservação (UC), bem como dos impactos e benefícios da visitação, assim, tanto dados quanto informações podem auxiliar os gestores nas tomadas de decisões (Hurtado-Alvarez, Moreira, Burns & Albach, 2019). Considera-se que a visitação à UCs traz benefícios ao ser humano com intuito tanto de respeitar a natureza e fugir do cotidiano quanto de gerar recursos financeiros para as comunidades de entorno, entretanto para minimizar impactos negativos o planejamento é fundamental (Santos, Mondo & Pereira, 2021).

Em 2018, foi publicada a portaria em conjunto pelo Ministério do Meio Ambiente e do Turismo (Brasil, 2018) que instituiu a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas. Neste sentido, a Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso (RBT) estimula a criação de percursos por todo o território, e as informações dos perfis de visitantes em trilhas no país, contribuiu sobremaneira para o planejamento e gestão.

Nesta pesquisa, o território de análise está no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), criado em 1962, declarado em 2001 como Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dessa forma, se protegem áreas de valor notável, como recursos hídricos, a exemplo das nascentes, diversos exemplares de rochas e minerais, além da fauna e flora da vegetação alta do cerrado, inclusive o ponto culminante do Planalto Central brasileiro (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2019).

O PNCV está localizado no Estado de Goiás, a 260km de Brasília/DF, para o deslocamento até lá regularmente utiliza-se o aeroporto de Brasília, e após, vans fretadas, ônibus e caronas por aplicativos até a região da Chapada dos Veadeiros. Trata-se de um importante atrativo turístico registrando visitação crescente, em 2017 de 63.142 visitantes, em 2018, 73.931 visitantes e em 2019, 79.347 visitantes (ICMBio, 2019; Goiás Turismo, 2020). No parque há atividades como: caminhada/*trekking*, observação de fauna e flora, banho de cachoeira, contemplação da paisagem, acampamento, canionismo e escalada (ICMBio, 2019), o que proporciona diferentes tipos de experiência ao ar livre.

No Rio Preto estão localizados os principais atrativos do PNCV possuindo 4 opções de trilhas autoguiadas implementadas com sinalização por cores: a Trilha dos Saltos Carrossel e Corredeiras, Trilha dos Cânions e Cariocas, Trilha da Seriema, além da Trilha objeto de estudo deste artigo: a Travessia das Sete Quedas. A travessia possui 23 km de percurso, com camping rústico, podendo o visitante passar uma ou duas noites mediante agendamento antecipado. A paisagem possui diversas fisionomias como



campos rupestres e veredas características da região (ICMBio, 2019). Cabe ressaltar, que a Travessia das Sete Quedas, junto ao Caminho de Cora Coralina, e a Trilha Missão Cruels formam o chamado Caminho dos Goyazes um das Trilhas de Longo Curso da RBT (Omena e Bregolin, 2020). Salienta-se que o trecho na Chapada dos Veadeiros é reconhecido como Caminho dos Veadeiros.

Deste modo, este artigo tem como objetivo identificar o perfil do visitante que frequentou a Travessia das Sete Quedas. O recorte temporal é da visitação entre 2013 a 2018. A sistematização destes dados vem contribuir tanto com a gestão da UC quanto com a estruturação das redes de trilhas de longo curso da região.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva, de natureza quanti-qualitativa tendo como procedimento metodológico principal organizar e analisar resultados dos questionários aplicados pela gestão da UC aos visitantes que frequentaram a Travessia das Sete Quedas no PNCV até então, não tabulados nem analisados estatisticamente. Os questionários foram produzidos pela gestão desde 2013, tendo mudanças em algumas questões e na sistemática de preenchimento, portanto, o esforço metodológico foi criar uma série histórica a partir dos dados disponibilizados.

Para tanto, também foram realizadas a pesquisa bibliográfica e documental a partir de fontes diversas, como website oficial do Parque, website do ICMBio, acrescidas de publicações obtidas em bases de dados científicos.

Entre 2013 e 2014 os questionários eram encaminhados aos visitantes por e-mail pela gestão da UC. A partir de 2015 eles passaram a ser enviados automaticamente para os e-mails, 3 dias após a realização da Travessia, pela plataforma online da empresa *Ecobooking*.¹ Essa plataforma faz parte de um Programa de Gestão de Caminhadas e Pedaladas na Natureza, amplamente utilizado no país. Na época, a adoção dessa plataforma foi considerada a época Boa Prática para UCs pelo ICMBio (2016). A plataforma proporcionou um instrumento de controle e ordenamento da visitação, facilitando a gestão ao economizar tempo, recursos humanos e materiais, além de contribuir para o controle da capacidade das áreas naturais. Através do serviço da *Ecobooking*, além do agendamento e coleta posterior de informações dos visitantes, foi possível disseminar dicas e orientações necessárias para a realização da Trilha.

Os dados que estavam dispersos em arquivos distintos, foram planilhados em Excel® e as questões que permaneceram iguais em todos os anos de aplicação do questionário entre 2013 e 2018, com a mesma redação e padrão foram: quantidade de questionários respondidos; número de pessoas na trilha; frequência de visitação no PNCV; impressões dos visitantes; encontro com pessoas na trilha e no camping e como se sentiram com isso.



Área de estudo: O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a Travessia das Sete Quedas

A área de estudo foi reconhecida como sítio do Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO em 2001 e Reserva da Biosfera do Cerrado, inserindo-se no corredor ecológico Paranã-Pirineus e na Área de Proteção Ambiental (APA) de Pouso Alto. Teve sua área ampliada de 65 mil hectares para 240.611 hectares, por um decreto federal, em 5 de junho de 2017 (ICMBio, 2017; ICMBio, 2018). O PNCV, conforme já mencionado, possui 4 opções de trilhas autoguiadas ou guiadas com a contratação de empresas de receptivo ou condutores de visitantes/guias de turismo. No quadro 1 são apresentadas as trilhas com as seguintes características: cores da sinalização, distância, atrativos e período, além do limite de visitantes por dia.

Quadro 1

Trilhas do PNCV e características

	SERIEMA	CÂNIONS E CARIOCAS	SALTOS, CARROSSEL E CORREDEIRAS	TRAVESSIA DAS SETE QUEDAS
SINALIZAÇÃO	setas azuis	setas vermelhas	setas amarelas	setas laranjadas
DISTÂNCIA	800m ida e volta	11km ida e volta	12km ida e volta	23,5km somente ida
ATRATIVOS E PERÍODO	Rio Preguiça: presente somente na época da chuva.	Rio Preto: contempla-se o Cânion 2 e a Cachoeira das Cariocas, presentes na época da chuva e seca.	Rio Preto: contempla-se pelo mirante do Salto 120m, Salto 80m (Cachoeira do Garimpão), Mirante do Carrossel, Cachoeira do Carrossel e as corredeiras.	Rio Preto: são 17km até chegar ao camping que fica ao lado do rio nas Sete Quedas. Acesso somente na época da seca.
Nº DE VISITANTES	30 visitantes/dia	300 visitantes/dia	450 visitantes/dia	30 visitantes acampados/noite

Fonte: Organização dos autores com base em ICMBio (2019).



A Travessia das Sete Quedas é a primeira trilha com pernoite planejada em uma UC do bioma Cerrado. São 23 km de trilha que podem ser percorridos em 1, 2 ou 3 dias a pé. Quando as visitas começaram, em 2013, o controle de reservas era realizado de forma manual por um dos analistas do parque, e a capacidade da trilha era de 15 visitantes por noite. Em 2014, com a instalação do banheiro seco, foi possível dobrar essa capacidade, com isso os gestores viram a necessidade de otimizar o sistema de gestão de reservas, escolhendo o Ecobooking (sistema de gestão do turismo) que conta com um sistema automatizado, facilitando o agendamento prévio.

A Travessia abre sua temporada somente na época de seca (que equivale ao outono e inverno), pois a trilha atravessa córregos e o camping é ao lado do rio. Tal cuidado deve-se ao fato de que em outras épocas do ano o rio aumenta seu volume, ocorrendo o risco de trombas d'água. Há um guia de bolso que conta com alguns pontos de sinalização importantes para auxílio do visitante durante o percurso e na sua localização geográfica dentro do PNCV (ICMBio, 2016).

Inicia-se o percurso pela trilha dos Cânions e Cariocas (setas vermelhas), aos 3km há uma bifurcação sinalizando as Sete Quedas à direita (setas laranjadas). Após alguns quilômetros chega-se ao Cânion 1, que apresenta uma placa informativa com um mapa, sinalizando todo o trajeto da Travessia (ICMBio, 2017). Essa segunda seção da Travessia compreende trechos anteriormente utilizados na época do garimpo, a partir daí atravessa-se pelo Rio Preto duas vezes, sendo que este possui 42 metros de largura. Conforme o plano de manejo, a trilha é sinalizada por totens com a quilometragem até o camping e totens de 1 metro de altura pintados com listras laranja e preto, um em cada margem do rio, para pontos de cruzamento. A figura 1 apresenta imagens da sinalização da travessia das Sete Quedas.

Figura 1

Sinalização na Travessia das Sete Quedas



Fonte: Os autores, 2019.



A paisagem durante toda a trilha engloba diferentes fisionomias do cerrado, campos rupestres, veredas e o cerrado *strictu sensu* preservado. Fiandeiras, é o nome dado aos últimos 7km até o camping, uma trilha histórica e preservada. O camping é localizado ao lado do Rio Preto que possui várias quedas d'água que favorecem banhos. No camping há um banheiro seco, sinalizado tanto português quanto em inglês. A partir deste ponto são 6km após atravessar o rio, passando pelo cerrado rupestre, chegando ao local denominado Torre da Mata Funda. Para finalizar, os últimos 3km são por estrada de chão até a rodovia GO-239. Para o retorno, é necessário transporte ou caronas para voltar até a vila de São Jorge (12km) ou Alto Paraíso de Goiás (24km) (ICMBio, 2017; ICMBio, 2018). A trilha apresenta entre 15% e 18% de declividade, é definida na classe de nível 2, de grau pristina (baixo grau de intervenção), possui grande beleza, com diversos pontos de parada para contemplação, preservando nascentes e aspectos geológicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo aborda os conceitos de Ecoturismo e Turismo de Aventura, destacando a diferenciação entre eles e sua relevância nas atividades de uso público em unidades de conservação. O ecoturismo surgiu como uma opção de reconhecimento cultural, com baixo impacto ambiental e geração de renda econômica, incentivando a conservação e administração dessas áreas (Campos, 2005). O termo "ecoturismo" foi introduzido na década de 1960 para descrever a relação complexa entre turistas, cultura local e meio ambiente (Fennell, 2002). O Ano Internacional do Ecoturismo, declarado pela ONU em 2002, reforçou a importância do turismo para o desenvolvimento sustentável em ambientes naturais (Reyes Palacios et al., 2017). O ecoturismo é considerado uma atividade diferenciada em áreas naturais, com um forte componente de educação ambiental (Beni, 2003). O desenvolvimento sustentável de áreas protegidas com biodiversidade significativa é uma alternativa de proteção do território para as gerações presentes e futuras (Vale e Moreira, 2017).

O turismo de aventura, por sua vez, envolve atividades recreativas em ambientes naturais e urbanos, que proporcionam emoção, desafio e interação com o meio ambiente (Farah, 2005). A procura por aventura e a prática de esportes radicais têm impulsionado o turismo de aventura, que busca educar os participantes, agregar valor às áreas visitadas, gerar benefícios econômicos e promover a preservação da natureza (Beni, 2003; Gomes, 2017). É importante distinguir entre as atividades de aventura em si e o segmento turístico que busca proporcionar experiências emocionantes aos visitantes (Farah, 2005).



As atividades de turismo de aventura incluem uma variedade de práticas, aqui pode-se destacar as caminhadas e trilhas de longo curso (trekking). Também, arvorismo, *bungee jump*, canionismo e cachoeirismo, cicloturismo, escalada, espeleoturismo, observação da vida selvagem, rapel, tirolesa, turismo *off-road* com bugues e veículos 4x4, balonismo, paraquedismo, voo livre, boia cross, canoagem, flutuação, *kitesurf*, *windsurf*, mergulho e rafting (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, ABETA, & Ministério do Turismo, MTur, 2009; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Sebrae, 2015).

O turismo de aventura no Brasil tem um grande potencial de desenvolvimento devido à extensão do país em terra e mar, à presença de várias empresas que oferecem esses serviços, a pontos de referência para a prática de aventura e à rica biodiversidade, colocando o Brasil como o terceiro país com o maior número de praticantes de turismo de aventura, atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina (Sebrae, 2015). A criação desse segmento tem impulsionado o desenvolvimento de novos destinos, como Jalapão (TO), Chapada dos Veadeiros (GO), Serra do Cipó e Serra da Canastra (MG), de acordo com a demanda dos visitantes (Farah, 2005).

Nos últimos anos, tem havido um aumento no número de turistas mais velhos e famílias participando de viagens de aventura. Os adultos mais jovens buscam micro aventuras perto de suas casas. A saúde e o bem-estar também têm sido focos importantes nas pesquisas sobre turismo de aventura, e equipes de pesquisa interdisciplinares devem observar esses fenômenos e analisar suas implicações (Gross e Sand, 2020).

As trilhas de longo curso são uma forma de turismo de aventura que oferece aos visitantes a oportunidade de contemplar vários componentes da paisagem, promovendo a valorização do patrimônio natural. No entanto, a falta de sinalização adequada e de meios interpretativos pode levar a depredação e poluição do meio ambiente. Portanto, incentivar o turismo de aventura nas trilhas de longo curso é uma forma de estimular o desenvolvimento regional, promover a conexão entre áreas protegidas e proteger o meio ambiente (Folmann, 2021).

As trilhas têm sido caminhos para o desenvolvimento local desde os tempos antigos, e hoje são utilizadas para caminhadas recreativas na natureza, inclusive por pessoas com deficiências físicas. A criação de redes de trilhas de longo curso tem como objetivo conectar parques e reservas, permitindo o fluxo de espécies de fauna e flora e atuando como conectores de paisagem. No Brasil, a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade foi aprovada em 2018, padronizando a sinalização das trilhas e promovendo o desenvolvimento do turismo de aventura (Brasil, 2018). Alcântara e Corrêa (2021) destacam que a Trilha Transcarioca com 180 km entre a Barra de Guaratiba e o Morro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro, pode ser considerada o embrião do Sistema Brasileiro de Trilha de Longo Curso.



O manejo adequado das trilhas é essencial para minimizar os impactos e oferecer oportunidades recreativas de alta qualidade em ambientes naturais protegidos. O planejamento de trilhas deve levar em consideração a fácil percepção pelo visitante, a proteção do ambiente e a satisfação dos visitantes. A pesquisa de satisfação é uma ferramenta importante para melhorar os serviços e a gestão das trilhas, fornecendo informações valiosas sobre o perfil dos visitantes e suas experiências (Zucco, Magalhães e Moretti, 2010).

No entanto, a infraestrutura e as condições de atendimento aos visitantes são desafios para a gestão do uso público nas unidades de conservação. É necessário dispor de funcionários adequados, recursos financeiros e capacidade para monitorar e limitar o uso público. Além disso, é importante investir em planos de manejo, pessoal suficiente para atender ao público e coletar dados e informações que auxiliem na gestão e prevenção de conflitos e impactos ambientais (Fontoura, Medeiros e Adams, 2016; Pires e Rugine, 2018).

Em resumo, o ecoturismo e o turismo de aventura desempenham papéis importantes na promoção da conservação ambiental e no desenvolvimento sustentável de áreas naturais protegidas. As trilhas de longo curso são uma forma de turismo de aventura que permite aos visitantes conectar-se com a natureza, valorizar o patrimônio natural e promover o desenvolvimento regional. O manejo adequado das trilhas, incluindo a sinalização adequada e a coleta de dados sobre o perfil dos visitantes, é fundamental para minimizar os impactos e oferecer uma experiência de alta qualidade. No entanto, a gestão do uso público nas unidades de conservação enfrenta desafios relacionados à infraestrutura, atendimento ao visitante e recursos humanos. É importante investir nessas áreas para garantir a proteção ambiental e a satisfação dos visitantes, onde a identificação do perfil se faz essencial.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para iniciar as análises, cabe aqui contextualizar com informações gerais da visitação no local. Em pesquisa realizada pela gestão do PNCV e publicada pela Goiás Turismo (2020) com 62.821 registros de visitantes do local entre 2017 a 2019, 51,6% dos respondentes foram do gênero feminino; 53,80% dos respondentes estavam na faixa etária entre 25 a 40 anos; sendo que 2,62% dos respondentes residiam no exterior; 29,38% dos respondentes residiam no Distrito Federal e 22,92% dos respondentes residiam na cidade de Brasília. Sobre a visitação, 54,9% dos respondentes visitaram a Trilha dos Saltos e Corredeiras; 45,10% a Trilha dos Cânions e Cachoeira das Cariocas e 6,70% a Trilha da Siriema.

A Trilha das Sete Quedas, não foi mencionada no relatório, o que justifica, ainda mais, a divulgação dos resultados específicos. Conforme já mencionado, foram aplicados



entre 2013 e 2018, ou seja, desde a criação da travessia aos seus caminhantes. Na tabela 1 apresenta-se a quantidade de visitantes que fizeram a travessia em cada ano e a quantidade de questionários que foram respondidos.

Tabela 1

Número de questionários respondidos e quantidade de visitantes na Travessia das Sete Quedas

	Nº de questionários respondidos	Nº de visitantes
2013	110	307
2014	165	508
2015	170	739
2016	188	794
2017	309	1.133
2018	300	1.330
TOTAL	1.242	3.996

Fonte: Os autores.

Gomes (2017) observou o aumento de visitantes em parques nacionais e na Chapada dos Veadeiros observa-se também o aumento na Travessia das Sete Quedas. A tabela 2 apresenta a frequência de visitas no PNCV, entre os participantes da Travessia.

Tabela 2

Frequência de visitas no PNCV

	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
Pela primeira vez	28	52	50	71	88	91	380
Raramente	29	56	53	40	71	82	331
2x ou mais por ano	53	57	67	77	150	127	531

Fonte: Os autores.

Como a travessia, conforme anteriormente descrito, é um atrativo com agendamento prévio disponível somente na época da seca, tem-se a confirmação de que o maior fluxo de pessoas que vão ao PNCV já conhecem e frequentam o local. Foi constatado costumam visitar duas vezes ou mais por ano. Também se observa um aumento gradativo de pessoas que vem pela primeira vez.



Em relação as impressões dos visitantes sobre o PNCV no questionário estão opções que podem ser marcadas livremente e aqui organizadas da mais representativa a menos, foram marcadas 1337 vezes durante os anos pesquisados: trilhas em bom estado (89,75%); lixo/resíduos deixados pelos visitantes (2,47%); atalhos e trilhas secundárias (2,24%); barulho provocado pelos visitantes (1,12%); trilhas mal conservadas/erosão (0,82%); trilhas com muitos visitantes (0,52%); dejetos em locais inadequados (1,57%); árvores cortadas e danificadas (0,75%); além de pessoas coletando flores e pedras (0,75%). Pode-se observar que a impressão em relação as opções são positivas ressaltando o bom estado das trilhas de toda forma pontualmente foram registrados alguns impactos como lixo, trilhas secundárias e barulho. Entre 2013 e 2014 a satisfação dos visitantes também foi classificada com as opções bom, regular e ruim com os seguintes temas: condições de trilha (bom 95,46%); limpeza das trilhas e camping (bom 90,46%); cortesia e atenção no atendimento (bom 88,19%); sinalização da trilha (bom 83,94%); informações na página da internet (bom 76,52%); informação no material impresso (bom 75,36%) bem como placas informativas (bom 77,13%). Tais resultados reforçam a percepção positiva quanto a visita ao PNCV.

Sobre o encontro com pessoas na trilha, a tabela 3 apresenta que a maioria indica que a expectativa de encontros é menor do que a encontrada, ou está na quantidade já esperada. As orientações para monitoramento de atrativos em parques, é que a experiência do visitante seja considerada para melhor planejamento e gestão. Desta forma, o encontro com pessoas, excesso ou falta, é um indicador (ICMBio, 2011).

Tabela 3

Encontro com pessoas na trilha

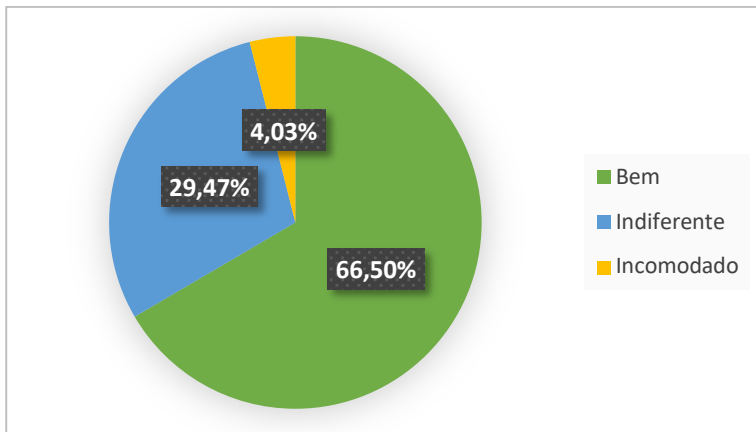
	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Menos do que esperava	32,86%	33,94%	40,58%	39,36%	40,12%	32,67%
O quanto esperava	33,57%	40,60%	34,12%	37,77%	33,98%	34%
Mais do que esperava	23,57%	10,91%	7,65%	5,85%	9,40%	13,33%
Não tinha expectativa	10,00%	14,55%	17,65%	17,02%	16,50%	20%
	100,00 %	100,00 %	100,00 %	100,00 %	100,00 %	100,00 %
Número de respostas	140	165	170	188	309	300

Fonte: Os autores.

O gráfico 1 mostra como se sentiram com os encontros na trilha.

Gráfico 1

Como se sentiu com o encontro de visitante na trilha



Fonte: Os autores.

Confirma-se que os visitantes que frequentaram a Travessia das Sete Quedas tiveram sua expectativa menor ao encontro com pessoas na trilha e se sentiram bem com isso. Na tabela 4 é apresentada a questão sobre o encontro com pessoas no camping da Travessia, outro indicador de contribuição ao planejamento e gestão do uso público.

Tabela 4

Encontro com pessoas no camping

	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Menos do que esperava	40,91%	29,70%	33,14%	33,51%	40,78%	32,67%
O quanto esperava	41,82%	36,97%	31,95%	38,30%	30,42%	38,00%
Mais do que esperava	2,73%	20,00%	16,57%	12,77%	16,50%	17,67%
Não tinha expectativa	14,55%	13,33	18,34%	15,43%	12,30%	11,67%
	100,00%	100,00%	100,00	100,00%	100,00%	100,00%
Número de respostas	110	165	169	188	309	300

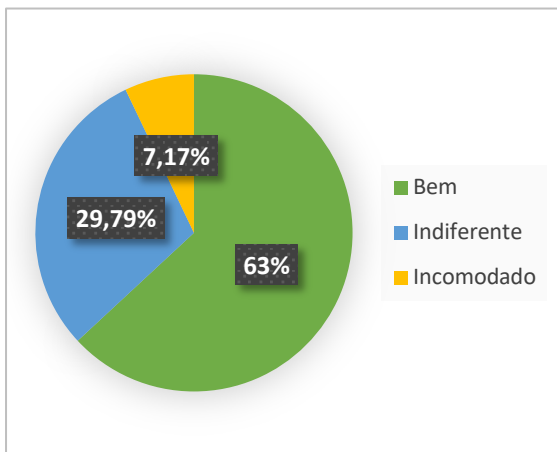
Fonte: Os autores.



Considerando que a época de visita na Travessia das Sete Quedas é a partir de julho, considerada alta temporada e com o costume de lotação da capacidade, pode-se identificar que o visitante já esperava a quantidade de pessoas que encontrou no camping. O gráfico 2 mostra como se sentiram com o encontro com pessoas no camping da Travessia.

Gráfico 2

Como se sentiu com o encontro com pessoas no camping



Fonte: Os autores.

O camping da Travessia das Sete Quedas tem um limite de 30 visitantes por dia então entende-se que os visitantes já esperavam a quantidade de pessoas que encontraram no camping, portando se sentiram bem com a situação. As questões a seguir foram aplicadas somente nos últimos 4 anos (2015, 2016, 2017, 2018), incluindo questões tanto de perfil do visitante como de satisfação na atividade. Na tabela 5 pode-se visualizar como os visitantes ficaram sabendo do PNCV.

Tabela 5

Como ficou sabendo deste Parque

	2015	2016	2017	2018
Parentes/Amigos	73,97%	81,38%	69,64%	77,59%
Pousada/Hotel/Camping	1,18%	2,66%	2,64%	3,01%



Jornal/Revista	0,59%	0	1,32%	0,67%
TV	0,59%	0	0	0,67%
Internet	23,67%	15,96%	26,40%	17,73%
Agência/Operadora	0	0	0	0,33%
	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Número de respostas	169	188	303	299

Fonte: Os autores.

Entende-se que o PNCV vem sendo comentado e indicado por amigos e parentes que já conheceram a região, por segundo a divulgação pela internet se torna uma ferramenta importante para informações e turismo. A tabela 6 refere-se ao grupo de visitantes que fizeram a Travessia.

Tabela 6

Número de pessoas do grupo que realizou a travessia

	2015	2016	2017	2018
Sozinho	10,59%	4,26%	11,00%	11,33
2 a 4 pessoas	47,65%	53,66%	51,46%	50,67%
5 a 10 pessoas	29,41%	32,45%	25,57%	28,67%
Mais de 10 pessoas	12,35%	10,54%	11,97%	9,33%
	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Número de respostas	170	188	309	300

Fonte: Os autores.

Entende-se que as trilhas do PNCV são todas autoguiadas, podendo se percorrer sozinho como indicado em guia de bolso, algumas informações são acrescentadas como contratar um guia local para melhorar a sua experiência e não caminhar sozinho, com algum amigo ou parente caso não tenha muito contato com trilhas. Observa-se que a preferência do visitante é percorrer a travessia com um grupo de 2 a 4 pessoas.

Em 4 anos de análise (2015 a 2018) pode-se perceber que apesar das questões serem opcionais, avaliou-se a satisfação pelo preço cobrado pelo guia de turismo/conductor de visitantes e a atuação dele. A maior parte dos respondentes (71%) dentre as opções barato, justo e abusivo, considerou o preço justo. E 87% consideraram satisfatória a atuação do conductor, sendo ótima (60%) e boa (27%).

Todas as questões referentes aos serviços prestados e a satisfação do visitante foram unanimemente classificadas como boas. Campos (2006) e Pezzi e Viana (2015)



comentam sobre os serviços prestados com o turismo, que impactam diretamente na experiência da visitação. Wearing e Neil (2001) consideram alguns elementos fundamentais para as atividades em ambientes naturais e a preservação para gerações futuras.

A implementação do banheiro seco no camping da Travessia das Sete Quedas, foi incluída no questionário em 2014 e pode-se compreender que houve satisfação com a instalação. Porém, em 2018 o banheiro seco foi queimado, o que causou insatisfação.

Analisar as impressões que os visitantes têm quando praticam uma atividade de aventura, inserida numa Unidade de Conservação, pode influenciar na gestão de uso público dos Parques Nacionais que oferecem atividades em meio a natureza, como o da Chapada dos Veadeiros que vem recebendo cada vez mais visitantes por ano.

CONCLUSÕES

O perfil do visitante que frequenta a Travessia das Sete Quedas no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros faz parte de um público que: frequenta o PNCV 2 vezes ou mais por ano; que considera as trilhas em bom estado e já esperam e se sentem bem com a quantidade de pessoas que encontram nas trilhas e no camping; elas conhecem o parque por indicação de amigos ou pela internet; permanecem na Chapada dos Veadeiros 2 ou 3 dias específicos para a Travessia; preferem grupos de 2 a 4 pessoas para caminhar na Travessia; sendo que a maioria está satisfeita com o preço cobrado pelos condutores de visitantes/guias de turismo considerando que o preço é justo e prestam um bom serviço. De modo geral, classificam sua visita ao PNCV como excelente e sua experiência com as informações oferecidas pelo parque como boas. Como a faixa etária não foi solicitada, os dados de escolaridade podem não ser relevantes, de toda forma, cabe informar que o grau superior completo é preponderante. Optou-se também pela não divulgação de dados econômicos, devido a defasagem.

Para efeito de atualização, a gestão do PNCV/ICMBio informou que em 2019, a Travessia registrou 1.609 visitantes; em 2020 ficou fechada por conta da pandemia da Covid-19; e em 2021, até o mês de setembro foram 1.343 visitantes. O que demonstra o contínuo crescimento e interesse da demanda por trilhas de longo curso.

Estudos já feitos analisam a importância da experiência que o visitante tem em meio a natureza, junto ali entende-se o seu comportamento nas atividades da viagem, questões fundamentais no planejamento estratégico dos atrativos, instalações e alojamentos e gerando um turismo mais equilibrado (Gomes, 2017). Assim, sugere-se que além do perfil do visitante, seja analisada a experiência, por meio da satisfação dos visitantes que percorreram a travessia, visando elencar tanto as atuais condições, quanto as expectativas criadas antes e depois de se ter contatos visuais e emocionais com o local, como mencionam Pinto e Santos (2008). Entender a atividade turística como



uma experiência, leva a considerar um cuidado especial para as instalações do receptivo ao turista em áreas protegidas, trilhas, sinalizações, mirantes, pontes e todo tipo de infraestrutura planejada e projetada adequadamente seguindo critérios de construção de acordo com o tipo de demanda, além de considerar a capacidade física do local (Wearing & Neil, 2001). Tal compreensão pode influenciar diretamente na gestão de uso público, no manejo das unidades de conservação e para a sociedade que depende do turismo na região para seu sustento.

Encerra-se esta abordagem, destacando o mérito das trilhas de longo curso como proposta de conectividade entre habitats e pessoas gerando conservação da natureza, emprego, renda e recreação (Menezes, Souza & Folmann, 2021). Assim, toda iniciativa que contribui para o planejamento, gestão e promoção desses corredores é de suma importância.

REFERÊNCIAS

- ABETA & MTur (2009). *Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil*. Belo Horizonte: Série Aventura Segura.
- Alcantara, R. M., & Corrêa, M. A. R. (2022). Trilha Transcarioca: o Embrião do Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso. *Biodiversidade Brasileira-BioBrasil*, (3), 170-194.
- Araujo, A. B. (2013). Trilha Chico Mendes: estratégias de ecoturismo associada a caminhada de longo curso e turismo de base comunitária na Reserva Extrativista Chico Mendes. *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, 6(4).
- Beni, M. C. (2003). *Análise estrutural do turismo*. 9ª. São Paulo: Editora Senac.
- Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Ministério do Turismo. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Portaria conjunta nº 407, de 19/10/ 2018. Institui a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas dá outras providências. Publicado no Ministério do Meio Ambiente, em 19 de outubro de 2018.
- Campos, A. M. N. (2006). O ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável. *Caderno Virtual de Turismo*, 5(1). 1-6.
- Farah, S. (2005). Políticas de incentivo ao turismo de aventura no Brasil: o papel do Ministério do Turismo. In: Uvinha, R. R. (org.) *Turismo de Aventura: reflexões e tendências*, (pp. 25-42). São Paulo, Brasil: Editora Aleph.
- Fennel, D. A. (2002) *Ecoturismo: uma introdução*. São Paulo: Contexto.
- Folmann, A. C. (2021) *Trilhas de longo curso: valorização da paisagem, Geodiversidade e Geoturismo*, Tese em Geografia. UEPG: Ponta Grossa-PR.



- Fontoura, L. M., de Medeiros, R. J., & Adams, L. W. (2016). Turismo, pressões e ameaças para a conservação da biodiversidade em parques nacionais do Brasil e Estados Unidos. *CULTUR: Revista de Cultura e Turismo*, 10(1), 35-53.
- Goiás Turismo (2020) Pesquisa de Perfil do Visitante do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros 2017/2018/2019. Recuperado em 10 de fevereiro de 2021, de: encurtador.com.br/rBFP6
- Gomes, O. P. (2017) Contribuições econômicas e financeiras do turismo no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Dissertação em Cultura e Desenvolvimento Regional. UNB: Centro de Excelência em Turismo, Brasília.
- Gross, S., & Sand, M. (2020). *Adventure tourism: a perspective paper. Tourism Review*, 75(1), 153-157.
- Hurtado-Alvarez, M. M., Moreira, J. C., Burns, R. C., & Albach, V. M. (2019). O perfil do visitante do Parque Nacional de São Joaquim (SC): breves considerações. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, 6(3), 82-94.
- ICMBio (2011). Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação: com enfoque na Experiência do Visitante e na Proteção dos recursos Naturais e Culturais. 1 ed. – Brasília.
- ICMBio (2016) Tecnologia de gestão organiza visitas no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. ICMBio, 2.ed.
- ICMBio (2017) Parque Nacional da Chapada dos veadeiros. (Ministério do Meio Ambiente, Governo Federal, Governo do Estado de Goiás). Recuperado em 20 de outubro de 2021, de <http://www.icmbio.gov.br/parnachapadadosveadeiros>.
- ICMBio (2018) Travessias – Uma Aventura Pelos Parques Nacionais do Brasil. 1. Ed. 244. p. Brasília: ICMBio, 2018.
- ICMBio (2019). *Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros*. Guia do Visitante. (Ministério do meio ambiente, Governo Federal, Governo do Estado de Goiás). Recuperado em 08 de abril de 2019, de encurtador.com.br/fwzY1
- Menezes, P. C. (2017) O Brasil no caminho das trilhas de longo curso. (O) eco. <https://www.oeco.org.br/colunas/pedro-da-cunha-e-menezes/o-brasil-no-caminho-das-trilhas-de-longo-curso>
- Menezes, P. C., Souza, T. V. S. B., & Folmann, A. C. (2021). Brazilian Trails Network and Connectivity, Putting a Recreation Infrastructure to Work for Conservation Gains. *Tourism Planning & Development*, 1 (8).
- Omena, M. T., & Bregolin, M. (2020). A Importância das Trilhas Regionais para Viabilização da Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso. *Ambiente & Sociedade*, 23.
- Pezzi, E., & Vianna, S. L. G. (2015). A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. *Revista Turismo em Análise*, 26(1), 165-187.



- Pinto, M. D. R., & Santos, L. L. D. S. (2008). Em busca de uma trilha interpretativista para a pesquisa do consumidor: uma proposta baseada na fenomenologia, na etnografia e na grounded theory. *RAE eletrônica*, 7(2) <https://doi.org/10.1590/S1676-56482008000200009>
- Pires, P. S., & Rugine, V. M. T. (2018). Reconhecimento do Uso Público nos Parques Estaduais no Brasil com ênfase na visitação turística. *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, 11(1).
- Reyes Palacios, A. C., Torres Acosta, J. L., Villarraga Flórez, L. F., & Meza Elizalde, M. C. (2017). Valorização da paisagem e avaliação do potencial interpretativo como ferramenta para o turismo sustentável no Ecoparque Las Monjas (La Mesa, Cundinamarca). *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 26(2), 177-194.
- Sebrae (2015). Turismo De Aventura: Panorama do segmento no Brasil. In: *Boletim de Inteligência Turística* – outubro 2015. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/bd75b9bbfcbdd3786d7a952a5c4dc2c4/\\$File/5794.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/bd75b9bbfcbdd3786d7a952a5c4dc2c4/$File/5794.pdf)
- Santos, R. R., Mondo, T. S., & Pereira, R. D. P. (2022). Percepção dos visitantes em relação ao Parque Estadual do Rio Vermelho, Santa Catarina, Brasil. *Ateliê do Turismo*, 6(1), 1-18.
- Vale, T. F., & Moreira, J. C. (2017). A Gestão do território ea sustentabilidade nos arquipélago de Fernando de Noronha (Brasil) e Açores (Portugal). *OLAM Ciênc. Tecnol*, 1, 52-75.
- Wearing, S., & Neil, J. (2001). Expanding sustainable tourism's conceptualization: ecotourism, volunteerism and serious leisure. In: Mc Cool, S. & Moisey, N. *Tourism, recreation and sustainability: Linking culture and the environment*, 233-254.
- Zucco, F. D., Magalhães, M. D. R. A., & do Amaral Morett, S. L. (2010). Análise do nível de satisfação dos participantes: evidências das últimas três edições da Oktoberfest em Blumenau (2006, 2007 e 2008). *Turismo-Visão e Ação*, 12(3), 331-347.



INFORMAÇÃO (ÕES) DO (S) AUTOR (ES)

- *1 Bacharela em turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: patypavezi@hotmail.com
- *2 Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: val.albach@gmail.com
- *3 Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Curso de Bacharelado em Turismo e Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora Visitante na Universidade de West Virginia, nos Estados Unidos. E-mail: jasmine@uepg.br
- *4 Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Especialista em Gestão Pública Ambiental. Servidor do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). E-mail: luis.neves@icmbio.gov.br

REVISTA CIENTÍFICA ATELÍE DO TURISMO – VINCULADA A



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

ⁱ <https://www.ecobooking.com.br/>